



GT – 21: Território, conflitos e ativismos sociais urbanos.

ESPACIALIDADE E TEMPORALIDADE DA PRODUÇÃO CULTURAL DA CLASSE TRABALHADORA: UMA ANÁLISE DA METRÓPOLE A PARTIR DO FUNK CARIOCA

Camila da Silva Santos¹
Universidade Federal Fluminense
Camilasilvasantos@id.uff.br

RESUMO: O presente artigo, utilizando uma perspectiva crítica e Geo histórica como método, constrói um diálogo com o *funk* carioca. Objetivando, assim, a construção da espacialidade metropolitana explanada pela produção cultural da classe trabalhadora, enquanto expressão imaterial das experiências e relações socioespaciais dos conflitos. Ademais, atribui à interlocução da constituição da Geografia dos de baixo, a partir da materialidade social dos protagonistas explicitada pelo *funk*, sistematizando as dimensões das relações de poder relacionadas à classe trabalhadora, mas também propondo uma leitura espacial da sociedade e da política brasileira.

Palavras-chave: Espacialidade, Geografia histórica e Funk carioca

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasce de um trabalho final da disciplina de Geografia Urbana, intitulado “Desigualdade espacializada: desigualdade socioespacial, favelização e *funk* como voz de resistência da favela”. Através dessa produção, surgiu o desejo de compreender de que forma o *funk* carioca dialoga com a Geografia, por meio das lentes da Geografia Crítica. Para isso, foi utilizada uma metodologia qualitativa e a articulação entre a espacialidade e a temporalidade, tomando como ferramenta a Geografia Histórica.

Assim, buscando um compromisso com a Geografia enquanto ciência, comprometida com a mudança socioespacial, traçamos como objetivo geral analisar as territorialidades e relações de poder que explicitam a metrópole do Brasil Contemporâneo, a partir do *funk*

¹ Orientador: Glauco Bruce Rodrigues; Universidade Federal Fluminense; glauco_bruce@id.uff.br

carioca. Para tal fim, foram abordados alguns objetivos específicos: **delinear** cinco conceitos importantes sendo eles espaço, território, temporalidade, classe trabalhadora e metrópole — destacando a importância do espaço social e sua relação com o espaço geográfico; **analisar** a relação da territorialidade dos protagonistas e o horizonte de expectativas da classe trabalhadora, frente a um *presente-futuro* minado; e **examinar** a militarização urbana do território carioca — compreendendo a violência como uma ferramenta de controle sobre a classe trabalhadora, considerando um estado de inseguranças que é agravado devido à políticas neoliberais e punitivistas.

A obra do sociólogo Francisco de Oliveira (2013), *Crítica a razão dualista; o ornitorrinco*, aponta a eleição do presidente Fernando Henrique Cardoso no período de 1994, como marco para compreensão da funcionalização que o sistema Capitalista dá para os atributos do atraso. Baseado nisso, definimos enquanto recorte temporal o período de 1994 a 2018. Já a escolha do recorte espacial, parte do contexto em que constitui-se o *funk*, o que ocorre na metrópole carioca, por essa razão focamos na análise metropolitana, trabalhando com a interpretação de que o cenário político e sócio espacial carioca, não deixa de se relacionar com a totalidade do Brasil contemporâneo.

Após essa breve elucidação, o primeiro capítulo **“O espaço-tempo da classe trabalhadora: qual a metrópole que o *funk* revela?”** tem como objetivo trazer como os conceitos podem ser lidos e analisados tendo *funk* como ponto de referência. Cabe ressaltar que o estudo utiliza a Geografia Histórica para explorar a articulação espaço-tempo na análise dos processos sociais. Nesse caso, destacando como o *funk* e seus protagonistas reagem à crise do capital e da colonialidade, espacializada e territorializada na metrópole carioca — visando destacar a complexidade do território da classe trabalhadora favelada, frente a materialidade da longa duração do capitalismo e da colonialidade. No segundo capítulo, intitulado **“Multiterritorialidade e horizonte de expectativas dos de baixo”**, considerando a multiterritorialidade e o acúmulo de tempos do estrato urbano da metrópole, tecemos um diálogo com o conceito *horizonte de expectativas* para analisar os efeitos da barbárie capitalista no *presente-futuro* dos protagonistas. No corpo da pesquisa discutimos a militarização urbana e a instrumentalização da violência para ordem social capitalista, visando a contenção da classe trabalhadora, destacando as territorialidades dos protagonistas.

1. METODOLOGIA

Porto-Gonçalves (2001), no capítulo introdutório da sua obra, intitulada *Geografando nos Varadouros do Mundo: Da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a reserva extrativista)*, discorre sobre o processo metodológico da pesquisa — detalhando o caminho, os diálogos conceituais, a justificativa da pesquisa, a escala de análise, o contexto, etc. Demonstrando, como o mesmo nomeia seu primeiro capítulo: “Primeira localização...Justificativa ou... me localizando...”, o rigor da jornada da pesquisa social. Compreendemos, portanto, que a metodologia possibilita o caminho para elaboração do objeto de pesquisa — a metrópole elucidada pelo *funk* Carioca. Por isso, para inaugurar a seguinte discussão, partimos de um detalhamento de conceitos essenciais: classe trabalhadora, espaço, território, multiterritorialidade, metrópole, cultura e totalidade.

Lacoste (1985) descreve a Geografia como uma ciência estratégica, um poder de práticas políticas e militares, por meio dela tomamos consciência das articulações e da organização espacial.

A geografia, enquanto descrição metodológica dos espaços, tanto sob os aspectos que se convencionou chamar “físicos”, como sob suas características econômicas, sociais, demográficas, políticas) para nos referirmos a certo corte do saber), deve absolutamente ser recolocada, como prática e como poder, no quadro das funções que exerce o aparelho do Estado, para o controle e a organização dos homens que povoam território para guerra. (Lacoste, 1985, p.23)

O mesmo autor, expõe a Geografia tradicional como “a ciência” que epistemológica e ideologicamente tem como função desvendar o território para o Estado-Nação. Organizando o espaço e decodificando as estratégias de dominação territorial, nos deparamos com uma Geografia distante, que plana sobre as relações sociais. Mas, se ela detém enquanto objeto o espaço, e a consciência da sua organização, nem só dá/para Guerra sobrevive a Geografia. Portanto, a pesquisa dialoga com a Geografia enquanto verbo, a Geografia dos movimentos, dos ativismos Sociais, dos povos originários, da classe trabalhadora favelada.

Assim, nos baseamos no diálogo com uma Geografia dos movimentos sociais, tendo como fundamentação uma análise crítica do espaço geográfico. No 3º Encontro Nacional de Geógrafos, ao apontar que *A Geografia está em crise. Viva a Geografia!*, Porto-Gonçalves (1978), destrincha a natureza da crise da Geografia. Ele emprega o termo “crise” ao abordar a complexidade da materialidade espacializada, considerando o espaço em um mundo em crise. O desafio apresentado refere-se à capacidade da Geografia, como ciência cujo objeto de

estudo é o espaço, de abordar a complexidade que a organização material da espacialidade socioespacial, cada vez mais desigual, demanda. O autor aponta que

Neste momento se discutem os impasses gerados pelo próprio projeto da Geografia enquanto um segmento do saber científico capaz de dar conta, compreender e explicar, enfim, os problemas concretos que se inscrevem no espaço geográfico em que vivemos: poluição; "desequilíbrio"-desigualdades regionais e sociais; as guerras de independência-conquista neo-coloniais; redução do espaço geográfico sob o controle do capitalismo imperialista-expansão do socialismo, etc. (Porto-Gonçalves, 1978, p.6)

O contexto da temporalidade de alguns eventos que Porto-Gonçalves cita, não reduz o questionamento apontado, porque, mesmo sendo diferente em alguns graus, é possível afirmar que o espaço da sociedade brasileira hoje está em crise. Nesse aspecto, importa explicitar e compreender o espaço geográfico da *Geografia da crise* (1978). Souza (2017) aponta o artigo enquanto um dos marcos elementais da Geografia crítica brasileira, já que Porto-Gonçalves (1978) aponta o caminho para se pensar o espaço geográfico pelas lentes da preocupação da mudança social. No tópico *Marcos históricos, epistemológicos e teóricos para se pensar a crise atual da geografia*, o autor explicita que, a crise da Geografia não se reduz apenas a uma visão teórica ou metodológica, mas abarca essencialmente uma crise sistêmica. Ele ressalta que os geógrafos comprometidos com uma abordagem científica que busca uma perspectiva transformadora, e não um espaço do capital, devem manter em mente esse fato.

Para isso Porto-Gonçalves (1978), ressalta quatro pontos que perpassam o trajeto epistemológico e ideológico da presente pesquisa. O primeiro deles é a importância “da postura teórica e epistemológica fora dos quadros ideológicos dominantes”. Já o segundo envolve pensar o espaço como relação social, não como “(...) uma interpretação da organização do espaço comprometido com o modo capitalista de produção. Pensaram o espaço como “coisa”” (Porto-Gonçalves, 1978). O terceiro ponto é que deve-se superar os limites impostos a Geografia pelo positivismo lógico,

É mesmo constrangedor verificar como, sendo a Geografia uma Ciência que trabalha com relações de elementos de natureza heterogênea e sendo a dialética, primeiramente, uma lógica de relações, a maioria dos geógrafos tenha ignorado uma interpretação dialética da organização do espaço. (Porto-Gonçalves, 1978, p.22)

O quarto ponto exposto é que o espaço deve ocupar o centro dos debates, como o geógrafo aborda no seguinte trecho

Não mais com a dicotomia natureza e sociedade, pois que nenhuma sociedade está fora do espaço e o espaço do geógrafo é o espaço da sociedade, forjado, construído

por ela e condição para a sua reprodução e produção do próprio espaço. (Porto-Gonçalves, 1978, p.22)

Essa é a Geografia que temos como base teórica no presente trabalho, uma perspectiva preocupada com o espaço enquanto relação social, dialeticamente materializada no mesmo, havendo uma análise de espaços desiguais e em crise, da metrópole carioca.

Visamos traçar enquanto caminho metodológico uma perspectiva Geohistórica, a espacialidade e a temporalidade na sua co-relação explicitam um espaço historicizado, construído por processos de múltiplos tempos. O *funk*, na sua formação enquanto produção e movimento cultural, emerge de um processo de solução de lazer e construção da cultura jovem periférica. A partir dos anos 90, as composições das músicas vão refletir emoções como o amor, amizade e características de rotina, mas também refletem o quadro histórico das violências experienciadas nas favelas cariocas. Além de trazerem a formação territorial habitacional dos protagonistas, e, ao mesmo tempo, revelarem um território segregado da metrópole carioca. Buscando uma articulação da espacialidade dos conflitos, através das letras musicais e as ações políticas envoltas nos territórios de produção do *funk* carioca, foi feita uma análise pela perspectiva histórica dos processos territoriais² da metrópole materializada nessas letras. A vista disso, objetivamos um estudo que, metodologicamente, parte da superação dessa dicotomia — espacialidade e temporalidade, enquanto pesquisa qualitativa, visamos uma perspectiva materialista histórica, dialética da análise espacial.

Incorporamos, enquanto materialismo histórico-dialético, a crítica de Marx à filosofia hegeliana, conduzida a partir do início de 1840. Como aponta Quaini (1979), ela é a base necessária para a fundamentação e desenvolvimento desse materialismo. O materialismo histórico dialético, enquanto filosofia tem como cerne a materialidade do mundo, baseando-se na ideia de que os seres humanos transformam o mundo material através do trabalho — assim a humanidade satisfaz as suas necessidades e cria novas necessidades humanas: atuando sobre a natureza de forma dialética. Sobre as bases materiais de produção se ergue uma ordem social, e ambas atuam na transformação da sociedade na história³. A vista disso, na pesquisa, o *funk* enquanto produção da classe trabalhadora narra a materialidade da ordem social sistemática Capitalista, refletindo a materialidade do território dos protagonistas. Acerca da

² Rodrigues, 2015, p. 244.

³ Bressan, Édio Luís; Brzezinski, Iria. Materialismo histórico-dialético e a transformação da realidade. EccoS – Revista Científica, n. 61, 2022.

construção de análise espacial, que dialoga com o materialismo histórico dialético, Porto-Gonçalves expõe que,

Por outro lado, é preciso considerar que a realidade histórica não se apresenta homogênea, mas ao contrário, ela se faz de modo desigual e combinado. Daí ser também de enorme importância para o geógrafo o conceito de Formação Social que diz respeito ao modo como concretamente se fazem essas combinações de desigualdades, onde diversos modos de produção se apresentam submetidos a hegemonia de um modo de produção dominante. (Porto-Gonçalves, 1978, p.23)

Mattos (2019, p. 26), na tentativa de expor a complexa definição do que seria a classe trabalhadora, aponta um termo geral posto por Marx “(...) o conjunto de pessoas que vivem da venda de sua força de trabalho por meio, primordialmente, do assalariamento.” O autor aponta que o conceito é complexo de definir, e é atravessado por fatores da temporalidade, espacialidade, etnia, gênero e da língua. Ao dialogar com E. P. Thompson, o mesmo elucida que “duas dimensões do emprego de classe social (...)”, “(a) com referência ao conteúdo histórico empiricamente observável, (b) como uma categoria heurística ou analítica, recurso para organizar uma evidência histórica cuja correspondência direta é muito mais escassa” (E.P. Thompson, 2001,p.273. apud Mattos, 2019). Mattos (2019), em um parágrafo subsequente, continua

Já a primeira dimensão apresentada por E. P. Thompson corresponderia ao processo histórico vivido por trabalhadoras e trabalhadores desde as primeiras décadas da consolidação do capitalismo industrial, inicialmente na Inglaterra e, em seguida, em outras regiões da Europa ocidental.

O *funk* enquanto movimento/produção cultural da classe trabalhadora carioca favelada, é construído por aqueles que, segundo Porto-Gonçalves (2001), são o cerne da iniciativa política, da ação: os protagonistas. Então, focamos na Geografia dos protagonistas pelo olhar explicitado nas letras do *funk*, das ações políticas espacializadas na construção de uma metrópole, que influenciam o contexto social e o território da juventude, pobre, negra e urbana, que protagonista da produção/movimento cultural.

As experiências da classe trabalhadora na metrópole carioca, no Brasil contemporâneo, dialogam e explicitam a materialidade política perante a totalidade sistêmica da barbárie moderna colonial do capitalismo — calcada na violência, estruturada na democracia racial e no racismo, e também na violência de classe. Tais ações territorializam um espaço grafado (Porto-Gonçalves, 2002) por grupos sociais, dentre eles os protagonistas da seguinte pesquisa. Assim, a Geografia deixa de ser apenas um substantivo e se torna verbo, ação, outra forma de grafar o espaço, de reinventar a sociedade (Porto-Gonçalves, 2003).

Dessa forma, partindo de um diálogo com as letras do *Funk*, pretendemos analisar por meio de outra perspectiva a relação da Geografia com os protagonistas que grafam o espaço e explicitam nas letras a segregação, a violência, o território dos bailes, e seu cotidiano.

No seguinte trabalho, entendemos o espaço enquanto centro das análises de uma Geografia envolvida com os conflitos sociais e as diferentes formas de Geografar. Baseados também, essencialmente, na relação analítica do território para compreensão da materialidade social, principalmente de uma Geografia que busca compreender conflitos, movimentos sociais e uma materialidade dialética de caráter crítico. Nesse sentido, importa afirmar que reconhecemos por território o espaço que explicita as naturezas das relações sociais e de poder

(...) o território não, é algo anterior ou exterior à sociedade. Território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Assim, há, sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização. Num mesmo território há, sempre, múltiplas territorialidades. Todavia, o território tende a naturalizar as relações sociais e de poder, pois se torna abrigo, lugar onde cada qual se sente em casa, mesmo que numa sociedade dividida. (Porto-Gonçalves, 2001, p.42)

O desenvolvimento da pesquisa tem como base conceitual algumas obras, como a produção da Luciane Silva (2009) *funk para além da festa - disputas simbólicas e práticas culturais no Rio de Janeiro*, como possibilidade para compreensão e estruturação do *funk* carioca. Dialogamos também com a *Crítica a razão dualista; O ornitorrinco* do Francisco de Oliveira (2013), que permite fundamentar o recorte temporal e a relação moderno colonial-capitalista das ações políticas envoltas na materialidade dos protagonistas. Com o intuito de fundamentar a construção teórica da Metrópole, e a sistematização da militarização do Espaço urbano, abordamos diferentes obras do Marcelo Lopes de Souza. Na construção ideológica e epistemológica do que compreendemos enquanto Geografia, e fazer Geografia, trazemos algumas obras do Carlos Walter Porto Gonçalves. Além disso, conversamos com alguns conceitos fundamentais para sistematização da pesquisa, como por exemplo: multiterritorialidade (Haesbaert, 2004), cultura (Chauí, 2008), longa duração (Braudel, 1969) e horizonte de expectativas (Koselleck, 1979).

Em relação às letras de *funk*, buscamos algumas produções que constroem um arco narrativo importante para projeção da Metrópole do Brasil contemporâneo, diante dos olhares dos protagonistas. A vista disso, foram abordados: Rap das Armas (Mc Junior e Leonardo, 1995), Rap do Rio de Janeiro (MC Cidinho e Doca, 1995), Rap da Felicidade (Mc Cidinho e

Doca, 1995), Não me bate doutor (Mc Cidinho e Doca) e Favela também é arte (Mr. Catra e Dr. Rocha, 1995). Através dessas letras buscamos um diálogo com a Geografia crítica, como forma de compreender as relações de poder e as ações sócio espaciais da Metrópole.

Sobre o recorte espacial, pensamos na relação construtiva do *funk* na cidade do Rio de Janeiro. Como a sistematização central da pesquisa atravessa o diálogo das letras de *funk* com a Geografia, partimos inicialmente de uma análise escalar da metrópole carioca, visando processualmente a interlocução das dinâmicas sócio espaciais explicitadas pela materialidade da produção cultural das letras, na compreensão de uma ideia central de qual metrópole o *funk* revela no Brasil Contemporâneo. Para isso trabalhamos com o conceito de totalidade (Santos, 1996) que articula as partes da realidade com o seu todo. Por essa razão, não partimos de um estudo de caso da produção cultural do *funk* carioca que apenas explicita as dinâmicas da Metrópole do Rio de Janeiro, mas, também, como as dinâmicas sócio políticas explicitadas permitem uma análise interligada com o todo, em diferentes escalas.

A totalidade é a realidade em sua integridade. Para Wittgenstein, no Tractatus, a realidade é a totalidade dos estados de coisas existentes, a totalidade das situações. A totalidade é o conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento. No seu livro Origem da Dialética, L. Goldmann (1967, p. 94) nos diz que a totalidade é o "conjunto absoluto das partes em relação mútua". É assim que a totalidade evolui ao mesmo tempo, para tornar-se outra, e continuar a ser totalidade. Essa totalidade do real, como quer Karpik (1972), compreende conjuntamente o Planeta, isto é, a natureza e a comunidade humana. (Santos, 1996, p. 75)

Para além disso, partimos de um recorte temporal, que conduz a análise da pesquisa na construção do espaço em crise (Porto-Gonçalves, 1978) metropolitano, que seria o *ornitorrinco* (Oliveira, 2013), o autor marca enquanto processo construtivo inicial do ornitorrinco brasileiro a eleição de Fernando Henrique Cardoso em 1994. Já que, a partir das políticas ali concretizadas, caminhamos para uma sociedade brutalmente dialética e de desigualdade irreparável. Pensando no que foi explicitado, demarcamos enquanto recorte temporal o período de 1995 (1º posse do FHC) a 2018 (eleições que elegeram Bolsonaro como presidente).

A pesquisa, ao buscar a articulação do diálogo entre Geografia e o *funk* carioca, traz à luz a espacialidade, temporalidade e territorialidade da classe trabalhadora favelada Carioca. Através disso, torna-se possível a análise de fatores espacializados, frente a temporalidade processual de uma ordem moderno colonial-capitalista, na escala Rio de Janeiro e na inter-relação com o *todo*, explicita o Brasil Contemporâneo. Assim, demonstrando como a

contenção da barbárie é enquadrada historicamente no cotidiano dos protagonistas do *funk*. Na articulação entre a espacialidade e temporalidade, a pesquisa concede a possibilidade da compreensão das ações envoltas na materialidade da metrópole carioca, partindo de um outro olhar. O espaço, enquanto um acúmulo desigual de tempos (Santos, 2004, p.9) da longa duração colonial-capitalista e da modernidade dialética, conversa com as letras que manifestam por meio da cultura favelada as ações de contenção de um espaço em crise.

O *funk*, enquanto possibilidade de análise da experiência humana no tempo histórico seria o presente futuro, que a partir da experiência, demonstra uma previsão no campo da possibilidade. A vista disso, frente ao *espaço vivido* dos protagonistas, os pontos explicitados por Haesbaert (2004) permitem a sistematização para construção analítica do horizonte de expectativa⁴, que perpassa a utopia⁵ e o horizonte de expectativa material, frente ao espaço de experiência. O primeiro agente que constrói a multiterritorialidade das favelas seriam os moradores, territorializando as favelas desde da sua origem como uma solução de habitação. O segundo, as classes dominantes que territorializam as favelas a partir da construção do estigma do espaço e da classe trabalhadora favelada. Terceiro, o Estado que territorializa a favela primordialmente a partir da disciplinarização e controle através do espaço. O quarto aspecto seria as organizações criminosas que territorializam as favelas pelo controle de fluxos de pessoas, mercadorias e informações.

O espaço de experiência, as camadas de múltiplos templos explicita uma metrópole em um Brasil moderno colonial, na qual a estrutura da conjuntura econômica, política e social é neoliberal de barbárie voraz, as estratégias espaciais são de sobrevivência e resistência. O Geografar do *funk*, a Geografia dos ativismos e movimentos sociais, dos de baixo⁶ além de movimento político-cultural é uma estratégia espacial da organização territorial da metrópole carioca frente ao “estado de exceção” brasileiro. O Estado de exceção que Ramos (2022) expõe, é descrito pelo historiador Walter Benjamin (2012, p.13) como a regra para os de baixo, já que são ausentes de direitos básicos, como foi explicitado acima, essa é a realidade da classe trabalhadora favelada do ornotorinco brasileiro (Oliveira, 2013) . Podemos observar essa concepção na música do Mr. Catra com participação do Dr. Rocha

⁴ Koselleck (1979,p. 305 a 327)

⁵ o conceito pode ser compreendido enquanto um ponto máximo da expectativa humana dessa realidade na qual está inserida. (TV BOITEMPO, Paulo Arantes: 1964, um país feito num só Golpe.)

⁶ **PORTO-GONÇALVES, C. W.** De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. *GEOgraphia*, v. 8, n. 16, p. 41-55, 2010.

Favela não é só crime, favela também é arte/Isso está provado ouvindo em toda parte/Por isso, hoje eu digo, com pureza no coração/Mister Catra, amigo, é paz, saúde e união/Favela, consciência e arte/Isso está provado ouvindo em toda parte/Por isso, hoje eu digo, é com pureza, é de verdade (é isso!)/Doutor Rocha, amigo, é paz, justiça e liberdade/Diretamente do Borel para o país inteiro/Lutando contra injustiça, covardia e o desespero/Estamos pedindo para acabar com a violência/A fome, o desemprego e qualquer tipo de carência (chega disso!)/Fé em Deus para todas as comunidades/E muitas forças aos irmãos que estão sem liberdade/Já chega de massacre, o pobre não aguenta mais/Só queremos liberdade, saúde, justiça e paz (fé em Deus!)/Enquanto se come bem na casa do bacana/O pobre agradece a Deus quando tem pão com banana/E a elite escuta isso e diz que é exagero/Pois não vive o dia-a-dia à beira do desespero/Aqui na favela, doutor, se tu não sabe/A grande maioria passa por necessidade/Nós só pedimos consciência pra mudar a situação/O negócio, gente boa, é paz, saúde e união

Ao suscitar na letra a realidade da favela, Mr Catra e Dr. Rocha, partem do ponto primordial para os protagonistas “ Favela não é só crime, favela também é arte”, permeando em sequência a realidade sócio-espacial da favela, a ausência do Estado, a realidade descrita por Benjamin (2012), explicitada por Ramos (2022), “desenredada” por Oliveira (2013) a materialidade da classe trabalhadora favelada é o “estado de exceção” que o *funk* explicita, a realidade que dialoga diretamente com a solução encontrada pelo Estado para as consequências do Ornitorrinco, como podemos observar

Quando Chico de Oliveira afirma que a “nova classe tem unidade de objetivos, formou-se um consenso ideológico sobre a nova função do Estado” ele está constatando o abandono da ideia de formação de uma sociedade nacional e a emergência de dois movimentos que se complementam: 1. A integração subordinada à globalização via fortalecimento do agronegócio, mineração e via cardápio de commodities; 2. A implementação de políticas de emergência para controlar e gerir a barbárie cotidiana através dos seguintes mecanismos: a. políticas focais de assistência no lugar dos direitos universais; b. políticas de transferência de renda, porém, sem alterar a estrutura de classes; c. uso dos aparatos legais (forças armadas e forças policiais) e ilegais (milícias, jagunços, pistoleiros) de segurança para conter a massa empobrecida e miserável através da violência, do encarceramento e do extermínio. (Rodrigues e Ramos, 2024, p.415)

Essa é a metrópole que o *funk* revela se enquadram na totalidade (Santos, 1996) da construção estrutural das contradições materiais da economia do Capital, em uma sociedade organizada diante da longa duração de uma crise civilizatória capitalista e colonial (Porto-Gonçalves, 2019). A geografia da modernidade contraditória (Oliveira, 2013), que atravessa a classe trabalhadora favelada que, marca e geografa (Porto-Gonçalves, 2008) o território da metrópole carioca, do cotidiano moderno colonial, da violência urbana enquanto contenção da crise civilizatória e do *funk* enquanto movimento cultural que frente há um sistema Capitalista que pune os seus protagonistas, expõe os instrumento de gestão da desigualdade social brasileira.

Sendo assim, concebemos, a partir da Geografia Crítica, o *funk* enquanto metodologia de análise, através de uma pesquisa essencialmente comprometida com o geografar dos movimentos sociais, o geografar dos conflitos. A *Geografia da crise*, aqui pretende explicitar uma Geografia envolvida com os compromissos sociais de uma ciência contra-hegemônica. Para esse debate, compreende-se que o *funk* enquanto uma Cultura marginalizada e produção da classe trabalhadora, permite analiticamente digerir outro “*locus* da construção discursiva” — uma Geografia da Classe trabalhadora que reflete a totalidade da Sociedade Brasileira contemporânea — outro Geografar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi compreender a metrópole do Brasil contemporâneo, a partir da interação entre o *funk* carioca e a Geografia, através da materialidade socioespacial demonstrada nas letras, pelas lentes da geografia crítica e histórica. Analisando a territorialidade e as relações de poder na metrópole carioca, entendemos que o *funk* enquanto movimento/produção cultural, localizamos nas obras as denúncias a desigualdade social.

A partir do *funk* carioca, nosso principal objetivo foi analisar os campos e as relações de poder que caracterizam a moderna metrópole brasileira. A complexidade da organização espacial do movimento/ produção cultural dos protagonistas, frente às distintas temporalidades historicizadas, voltamos à questão problema que guia nossa pesquisa “qual a metrópole que o *funk* revela?”. O mesmo tem sua produção construtiva da materialidade, os diferentes tempos que estratificam a barbárie da contenção da classe trabalhadora. Galgando as reflexões propostas, a análise da construção metropolitana que emerge nas letras do *funk*, sobre tudo a construção das relações de poder necessária para a produção capitalista das metrópoles brasileiras se manterem. A territorialidade das instituições e das organizações criminosas, materializadas nas letras, produzem um quadro grave da metrópole, a sensação de medo, violência e exceção que está a classe trabalhadora favelada.

Ao beber da Geografia do professor Carlos Walter Porto-Gonçalves, objetivamos enfatizar a importância da “Geografia dos Protagonistas”. Com este conceito podemos identificar atores sociais que moldam e transformam os espaços urbanos e rurais através de suas ações e resistências. O *funk* carioca como exemplo de movimento cultural mostra como

esses protagonistas são essenciais para a compreensão da dinâmica de poder que moldam, transformam e produzem a metrópole. A Geografia enquanto ciência ação, que compreende a organização espacial, que vai na contramão da produção capitalista do espaço, pensar a metrópole, pensar a cidade, pensar os direitos sociais da classe trabalhadora, partindo de novas perspectivas, essa é a intenção, e importância da presente pesquisa.

O diálogo com o social, com os movimentos políticos, culturais, povos tradicionais, ativismo e organizações políticas, por parte da Geografia que se compromete com a justiça social é um dever. Dessa forma, destacamos os resultados mais importantes da pesquisa: **Confirmação do diálogo da Geografia com a produção cultural da classe trabalhadora favelada:** O *funk* enquanto um movimento cultural importante, para construção da identidade e solução de lazer dos protagonistas. A sua produção permite um outro ângulo para leitura da dinâmica socioespacial da metrópole. Atua como uma voz poderosa que desafia padrões da cultura hegemônica e expõe as desigualdades estruturais na sociedade. **Horizonte de expectativa minado:** O estudo destaca como a desigualdade socioespacial se manifesta de forma aguda nas áreas urbanas do Rio de Janeiro, refletindo tensões históricas e contemporâneas. As análises mostraram que as políticas neoliberais aumentam as perspectivas individualistas das preocupações sociais, e a desconstrução cada vez mais latente de um horizonte que possibilita a organização política emancipatória da classe trabalhadora favelada, frente a contenção violenta materializada no seu território. **Desafios da Militarização:** A análise mostrou o impacto da militarização, a violência institucionalizada atua como meio de controle social, aumentando a insegurança e a tensão social. A militarização é uma resposta para manutenção da desigualdade, das relações hierárquicas de poder que produzem o espaço capitalista metropolitano. **A Importância da Geografia Crítica:** O estudo enfatizou a importância do compromisso contínuo da geografia com a mudança social. A abordagem crítica foi essencial para compreender e desafiar as complexidades da metrópole contemporânea, proporcionando uma análise mais profunda das relações de poder e da territorialidade dos protagonistas.

Além das conclusões aqui apresentadas, há uma enorme oportunidade para explorar outras perspectivas e estudos sobre o *funk*, suas diversas estéticas e subgêneros. A abordagem da totalidade proposta por Milton Santos indica que esses diferentes aspectos do *funk* podem ser analisados em conjunto para obter uma compreensão mais rica e integrada da dinâmica cultural e espacial que molda o Brasil contemporâneo. Examinar a interação de diferentes

estéticas e subgêneros do *funk* no contexto mais amplo da globalização e da desigualdade socioespacial pode abrir novas dimensões e compreensões sobre as possibilidades de evidenciar a crise societária da metrópole contemporânea.

Enfim, as letras expressam uma Metrópole em crise, assim como é elucidado na obra *Rap das Armas*”, as letras expressam a materialidade do diagnóstico metropolitano é reconhecido enquanto um símbolo do filme tropa de elite, o significante permanece sendo o “Parrapapapapapá papá papá Parrapapapapapapá papá papá Paparrá Paparrá Paparrá clack BUM”, na sonoridade da exaltação do filme, o “Rap das armas”, se transformou no hino do filme, onde o significado do imaginário “Parrapapapapapá papá papá Parrapapapapapapá papá papá Paparrá Paparrá Paparrá clack BUM” é o som das armas do BOPE, ao invadir as favelas para levar a “pacificação”. O seu significado passa a ser identificado por grupos adversos, os que compreendem o “Rap das armas” como produção do relato da materialidade social das favelas, e a apropriação por parte dos adoradores da tropa de elite do Rio de Janeiro – Batalhão de Operações Policiais Especiais–, os mesmos sentem um prazer, não objetivado por José Padilha, ao assistir à morte e tortura dos “bandidos” no Filme, entendem essas ações como soluções de segurança pública, se apropriam da produção da classe trabalhadora favelada que cotidianamente tem que lidar com as consequências da violência policial, para exaltar o que identificam como heróis. Essa é a metrópole, altamente urbanizada, dependente dos aspectos do atraso, trabalhadores violentados e hiperexplorados, precarização dos serviços públicos, segregada, autoexcluída, disponibilidade do desemprego e subempregos para classe trabalhadora.

Em suma, pode-se afirmar que a pesquisa confirma a importância de tratar os atores culturais e sociais como atores ativos na geografia urbana e enfatiza o seu papel na articulação das dinâmicas de poder e resistência. O compromisso com a mudança e a justiça social deve ser central para a geografia, enriquecendo a nossa compreensão das complexidades da totalidade do ornitorrinco disforme.

5. REFERÊNCIAS

ARANTES, Paulo. **A Terra é Redonda Entrevista - PAULO ARANTES**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UwAI-tg2jvk&t=219s>. Acesso em: 24 maio 2024.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

BRESSAN, Édio Luís; BRZEZINSKI, Iria. **Materialismo histórico-dialético e a transformação da realidade**. Eccos - Revista Científica, São Paulo, n. 61, p. 1-20, abr./jun. 2022.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela**. Rio de Janeiro: Bertland Brasil.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1993.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. São Paulo: Boitempo, 2017.

ESCURRA, María Fernanda. **Marx e a pobreza ou a influência do aumento do capital para a classe trabalhadora**. Textos & Contextos, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 135–145, 2019.

FRESCA, Tânia Maria. **Uma discussão sobre o conceito de metrópole**. Revista Da ANPEGE, v. 7, n. 08, p. 31–52, 2017.

GRAHAM, Stephen. **Cidades sitiadas: O novo urbanismo militar**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HAESBAERT, Rogerio. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: UFF, 2004.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HEINRICH, Michael. **Crítica de la economía política. Una introducción a El Capital de Marx**. Madrid: Escolar y Mayo Editores, 2008.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Tradução de Maria Cecília França. Campinas: Papirus, [1985] [1988] 2012.

MANSO, Bruno Paes. **A república das milícias: dos esquadrões da morte à era Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2013.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A geografia está em crise. Viva a geografia!** Boletim Paulista de Geografia, n. 55, p. 5–30, 1978.

_____. **Geografando nos Varadouros do Mundo: Da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a reserva extrativista)**. Brasília: Ibama, 2004.

_____. **De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana**. GEOgraphia, v. 8, n. 16, p. 41-55, 2010.

_____. **A crise do capital é parte de uma crise civilizatória**. IELA UFSC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdg6MJwwP1E>. Acesso em: 24 maio 2024.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade del poder, eurocentrismo y América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **Quando a política encontra a cultura: a cidade vista (e apropriada) pelo movimento hip-hop**. Revista Cidades, v. 6, n. 9, 2009.

RODRIGUES, Glauco Bruce; RAMOS, Tatiana Tramontani. **O Ornitorrinco 20 anos depois: o que passou?** Boletim Campineiro de Geografia, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 409–433, 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: edUSP, 2002.

SCHWARZ, Roberto. **As ideias fora do lugar: Ensaios selecionados**. São Paulo: Grandes Ideias, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. **Por uma Geografia libertária**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

Letras

MC CIDINHO; MC DOCA. Não me bate doutor. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ICn-DIEL-Dc>. Acesso em: 24 maio 2024.

MC CIDINHO; MC DOCA. Rap da felicidade. Rio de Janeiro: Som Livre, 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7pD8k2zaLqk>. Acesso em: 24 maio 2024.

MC CIDINHO; MC DOCA. Rap das armas. Rio de Janeiro: Ultra Records, 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rj-Q-cgG70I>. Acesso em: 24 maio 2024.

MC JUNIOR; MC LEONARDO. Rap das armas. Rio de Janeiro: Columbia, 1995. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mhdt-ZUx9DY>. Acesso em: 24 maio 2024.

JS, Bruno. Favela também é arte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2EWMV6VngQk>. Acesso em: 24 maio 2024.

